CAPÍTULO 1

UMA CASA ESTRANHA

CONSULTA DE UM CONHECIDO

Atualmente, sou escritor *freelancer* especializado em ocultismo. Devido ao meu campo de atuação, tenho a oportunidade de ouvir muitas histórias de fantasmas e relatos de experiências estranhas.

Entre elas, são frequentes os relatos que envolvem casas.

«Ouço passos no segundo andar quando, supostamente, não há ninguém lá em cima»; «Sinto-me como se houvesse alguém a observar-me quando estou sozinho na sala»; «Ouço vozes vindas de dentro do armário».

Há inúmeros episódios relacionados aos chamados **imóveis com um passado**.

No entanto, a história que ouvi naquela época sobre a «casa» era um pouco diferente.

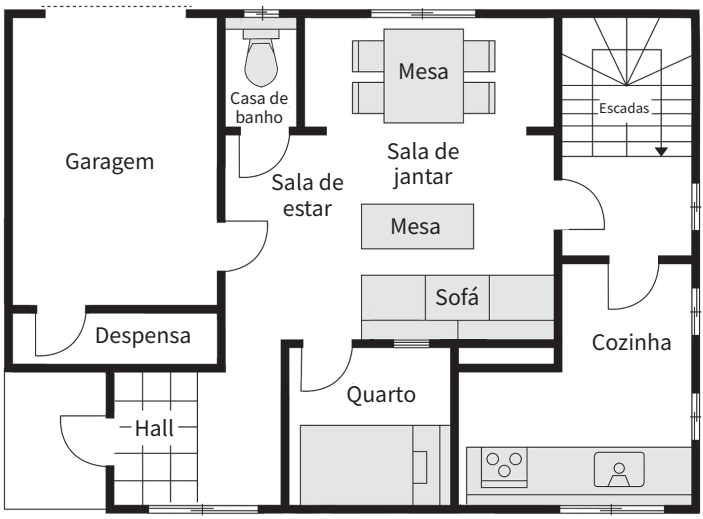
Setembro de 2019. Yanaoka, um conhecido meu, ligou-me a dizer que tinha «um assunto para discutir comigo». Ele trabalha com vendas, na área de produção editorial. Conhecemo-nos há alguns anos por causa do trabalho, e, desde então, o nosso relacionamento tem-se resumido a algumas saídas para irmos comer fora.

Yanaoka teria em breve o seu primeiro filho. Sendo assim, pela primeira vez na vida, decidira comprar uma casa. Todas as noites, ficava a ler um monte de informações sobre imóveis até tarde, até que finalmente encontrou o lugar ideal na região metropolitana.

Esse imóvel de dois andares ficava situado num tranquilo bairro residencial, próximo a uma estação de comboios — mas, ainda assim, cercado de muito verde —, e, apesar de não ser novo, parecia ter sido construído há poucos anos. Quando visitaram a casa, ele e a esposa ficaram encantados com o interior arejado e bem iluminado.

Havia apenas um ponto intrigante em relação à planta baixa.

PISO TÉRREO



No piso térreo, entre a cozinha e a sala de estar, havia um **espaço misterioso**.

Não tinha porta, então era impossível entrar ali. E, mesmo quando perguntaram ao corretor de imóveis, ele não soube explicar. Embora não representasse nenhum inconveniente para morarem lá, o detalhe algo assustador fez com que Yanaoka hesitasse em comprar a casa.

Ele decidiu consultar-me porque, segundo ele, «eu percebo de ocultismo». Realmente, a expressão «espaço misterioso» tem um quê de sobrenatural e desperta mesmo um grande interesse. Contudo, eu sou um completo leigo no que diz respeito a arquitetura. Nem sequer sou capaz de ler uma planta baixa.

Por isso, decidi pedir ajuda a outra pessoa.

KURIHARA

Tenho um conhecido chamado Kurihara. É projetista num grande escritório de arquitetura. É também um amante de histórias de terror e mistério, pelo que achei que seria perfeito para me ajudar com a consulta.

Quando lhe comuniquei o assunto, ele demonstrou interesse. Decidi enviar-lhe logo os dados da planta baixa e conversar com ele por telefone.

Reproduzo abaixo o nossoo diálogo:

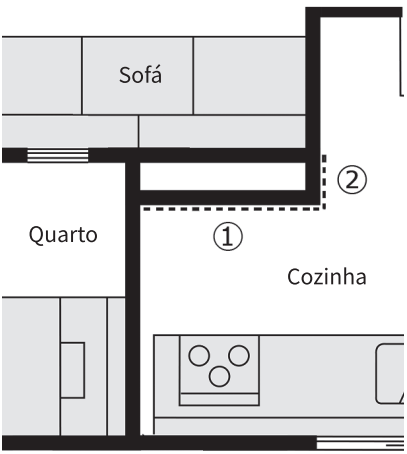
Autor: Olá, Kurihara, há quanto tempo! Obrigado por teres aceitado ajudar-me.

Kurihara: Não tens de quê. A propósito, sobre a planta baixa que me enviaste...

Autor: Sim. Fazes ideia do que seria o espaço sem porta no piso térreo?

Kurihara: Hum. Uma coisa que posso afirmar é que foi criado intencionalmente.

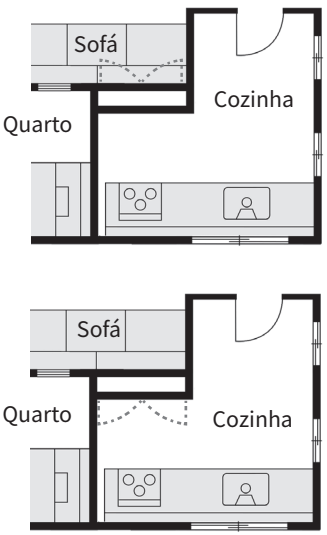
Autor: Intencionalmente?



Kurihara: Sim. Vendo o desenho, provavelmente consegues perceber que o espaço foi criado com **duas paredes originalmente desnecessárias.** Duas paredes adjacentes à cozinha. Sem elas, o «espaço misterioso» não existiria e a cozinha seria maior. Se eles construíram essas paredes intencionalmente, a ponto de deixar o cómodo mais apertado, é porque *esse espaço era necessário*.

Autor: Estou a perceber. Para que é que ele seria necessário?

Kurihara: Talvez ao início tivessem planeado usá-lo como despensa ou assim? Por exemplo, se instalares uma porta ao lado da sala de estar, o espaço pode ser usado como armário e, se for ao lado da cozinha, como guarda-louça. Contudo, talvez, durante a construção, tenham mudado de ideias, ou o orçamento era insuficiente e acabaram por desistir antes de instalarem as portas.



Autor: Compreendo. Na época, a obra já estaria avançada, e, sem poder alterar a planta, restou apenas o espaço. Seria isso?

Kurihara: É a conclusão mais óbvia.

Autor: Então não tem nada que ver com ocultismo, pois não?

Kurihara: Isso mesmo. Só que…

A voz de Kurihara adquiriu um tom inesperadamente sombrio.

Kurihara: A propósito, quem construiu esta casa?

Autor: Os moradores anteriores. Aparentemente, era uma família de três pessoas: o casal e uma criança pequena.

Kurihara: Quando dizes pequena, que idade tinha, mais ou menos?

Autor: Isso já não sei… porque perguntas?

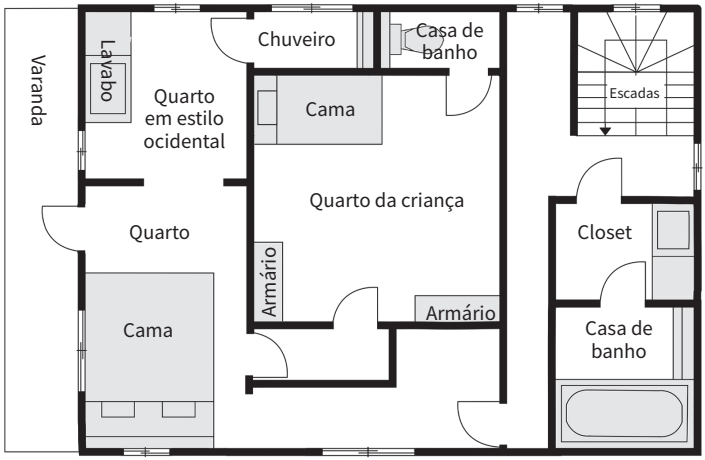
Kurihara: É porque, na realidade, quando vi a planta baixa, achei a casa muito estranha.

Autor: A sério? Houve alguma outra coisa em particular que te tenha chamado a atenção, além do espaço misterioso?

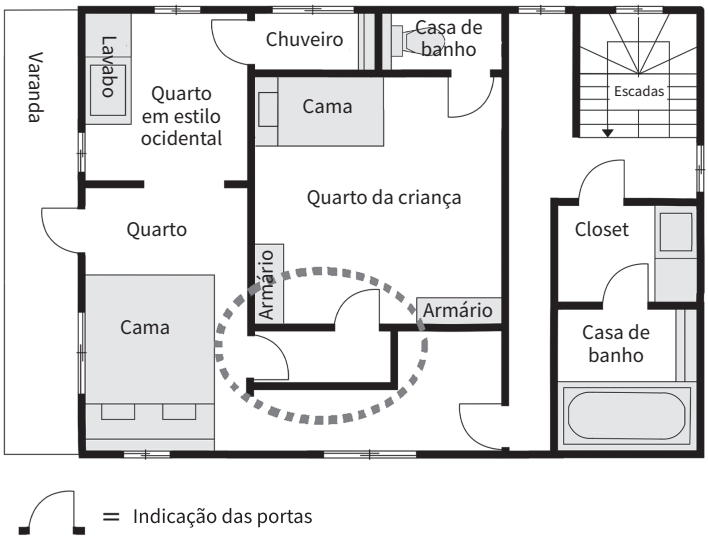
Kurihara: O que me causa estranheza é o **projeto do segundo andar**. Vê bem o quarto da criança. Não notas nada?

Autor: Hum… hã?

SEGUNDO ANDAR



SEGUNDO ANDAR



Autor: Existem duas portas, uma depois da outra.

Kurihara: Isso mesmo. E a posição delas é estranha. Por exemplo, quando se chega ao andar pelas escadas, é preciso dar uma volta enorme para entrar no quarto da criança, não achas? Porque fizeram um projeto tão complicado?

Autor: É deveras inusitado.

Kurihara: Além disso, esse quarto **não tem sequer uma janela!**

De facto, olhando para o quarto da criança, não havia nenhum símbolo () indicativo de uma janela na planta baixa.

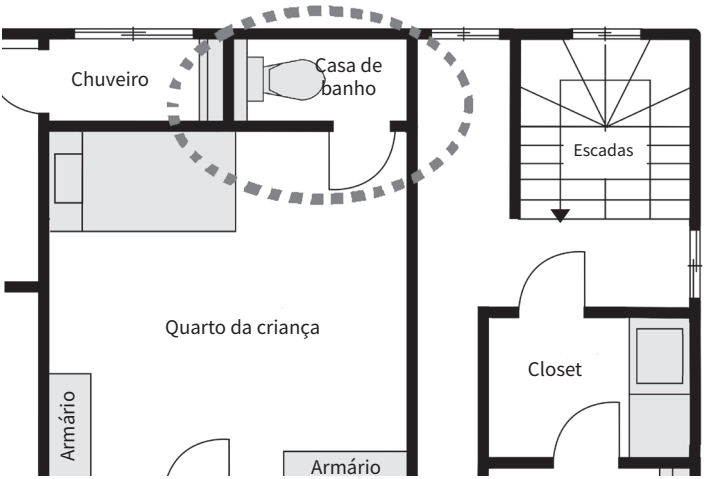
Kurihara: A maioria dos pais deseja que o quarto dos filhos tenha uma boa incidência de luz solar… Nunca tinha visto um quarto de criança sem janelas, pelo menos não numa casa.

Autor: Poderia ter que ver com alguma circunstância especial? Por exemplo, uma doença dermatológica que impedisse a exposição da criança ao sol, ou algo assim?

Kurihara: Se fosse isso, bastaria fechar as cortinas. Sinto que o facto de não haver janelas parece anormal.

Autor: Entendo.

Kurihara: E há mais uma coisa intrigante em relação a esse quarto. Olha para a casa de banho. Considerando a posição da porta, só se tem acesso pelo quarto da criança.



Autor: Tens razão. *O quarto da criança é uma suíte*, seria isso?

Kurihara: Provavelmente.

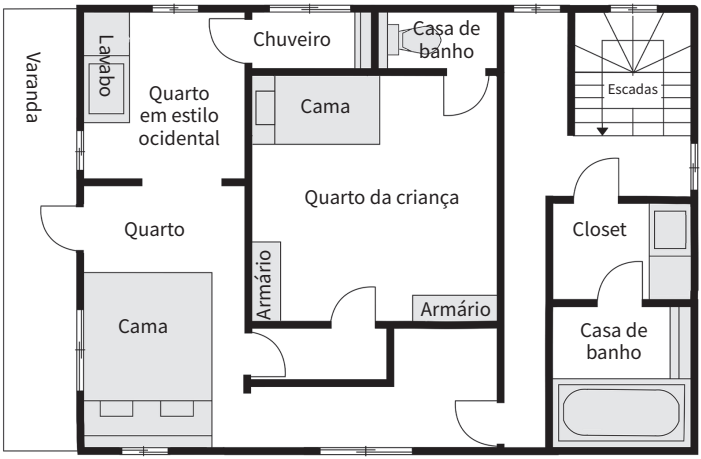
Autor: Um quarto sem janelas, com uma porta depois da outra e uma casa de banho… parece a solitária de uma prisão, não é?

Kurihara: Isso vai muito além de «superproteção» Sugere que os pais queriam ter total controlo sobre a criança. Talvez ela estivesse a ser mantida em cativeiro nesse quarto.

Autor: Abuso infantil…?

Kurihara: É uma possibilidade. Se fizermos uma leitura mais aprofundada, a impressão é a de que **os pais não queriam que ninguém visse a criança**. Presta atenção à planta completa do segundo andar. Como posso dizer…? Não parece que todos os cómodos estão dispostos de forma a esconder o quarto da criança? Para começar, sem uma janela, fica impossível perceber a presença de uma criança do lado de fora. Os pais confinavam-na no quarto e escondiam a sua existência. É a impressão que eu tenho.

SEGUNDO ANDAR



Autor: Mas porque fariam isso?

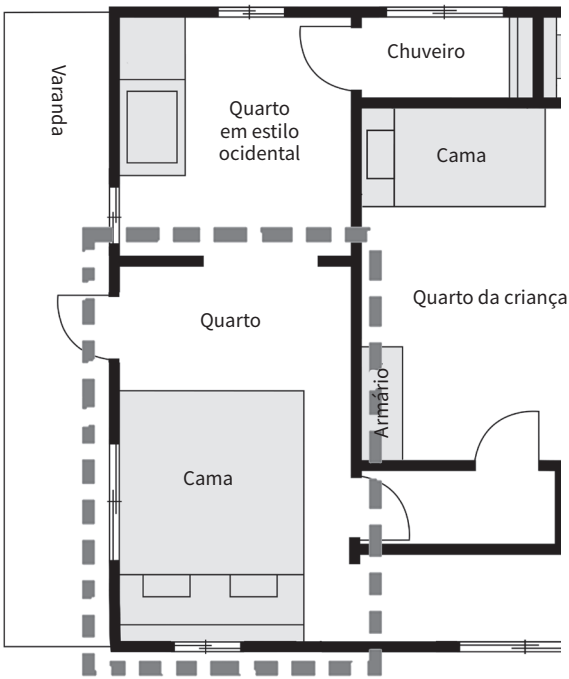
Kurihara: Não sei dizer. O que fica claro, observando a planta baixa, é que havia alguma circunstância incomum naquela família.

DUAS CASAS DE BANHO

Kurihara: A propósito, ao lado do da criança há outro quarto, certo?

Autor: O quarto com uma cama de casal? Seria o dos pais?

Kurihara: Provavelmente. Ao contrário do quarto da criança, esse é bastante arejado. Também tem várias janelas.



Lembrei-me das palavras de Yanaoka: «Interior arejado e bem iluminado.»

Kurihara: Na verdade, algumas coisas nesse quarto também me deixam um pouco com a pulga atrás da orelha. Na planta baixa, dá para ver que há uma salinha com chuveiro, certo? O quarto em estilo ocidental de frente para ela deve servir de *closet.* Contudo, sendo assim, fica totalmente à vista de quem estiver no quarto.

Autor: Agora que falas nisso, é verdade, não há porta entre esses dois cómodos.

Kurihara: Por mais que as duas pessoas desse quarto sejam casadas, não devem querer ser vistas a sair do banho. Deviam ser muito «íntimas». Esse desequilíbrio entre um casal «íntimo» e uma criança «em cativeiro» é meio assustador… Bom, talvez esteja a pensar demasiado.

Autor: Realmente. Mas, hum…

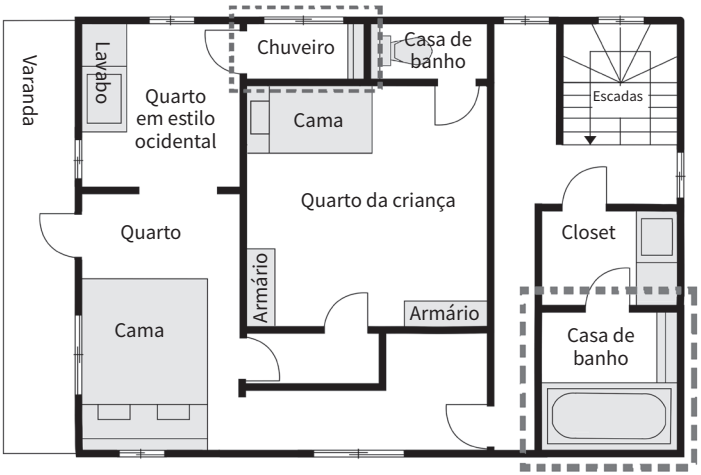
Kurihara: O quê?

Autor: Além da salinha do chuveiro, existe uma casa de banho separada. Invulgar, não achas?

Kurihara: Pode acontecer, mas não é algo que vejo com frequência. Falando nisso, essa outra casa de banho também não tem janela! Por outro lado, no quartinho com chuveiro há uma janela grande.

Autor: Pois é. Vendo as coisas por esse ângulo, é uma casa muito estranha. O que achas? É melhor que não a comprem?

SEGUNDO ANDAR



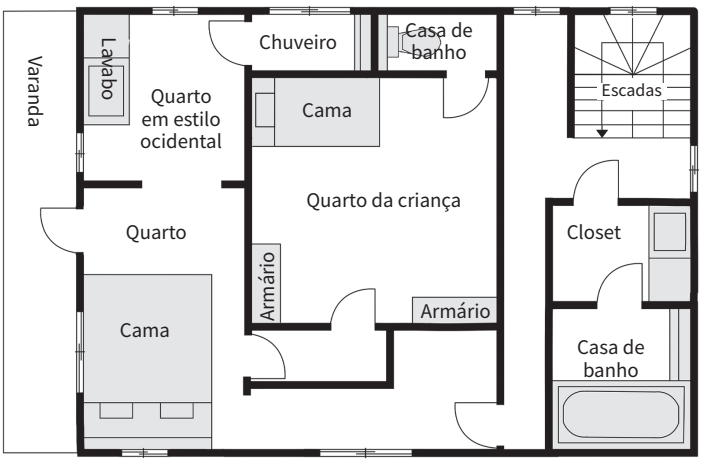
Kurihara: Só pela planta baixa não consigo afirmar nada, mas, se fosse eu, não compraria.

Agradeci a Kurihara e desliguei o telefone.

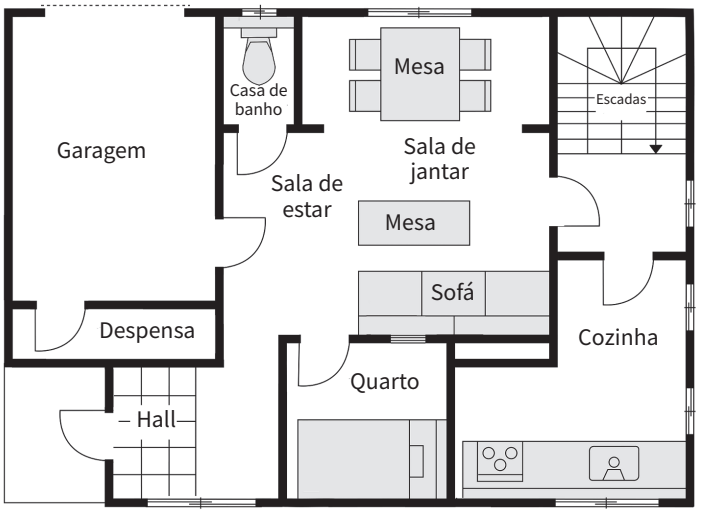
Olhei mais uma vez para a planta baixa. Dei asas à minha imaginação. A criança em cativeiro no quarto sem janela. Os pais a dormir serenamente na cama de casal.

Comparei a disposição do piso térreo com a do segundo andar. Ignorando o tal espaço misterioso, o piso térreo era como o de uma casa comum. Aquele espaço estranho que deveria ser uma despensa… Seria isso mesmo?

SEGUNDO ANDAR



PISO TÉRREO



Naquele momento, ocorreu-me **uma teoria**. Uma teoria bastante absurda. Embora pensasse para com os meus botões «não, isso é impossível», sobrepus as duas plantas.

Ao contrário do que previra, «isso» coincidia perfeitamente.

Seria coincidência? Ou…

O ESPAÇO MISTERIOSO

Voltei a ligar a Kurihara

Autor: Desculpa estar a ligar outra vez.

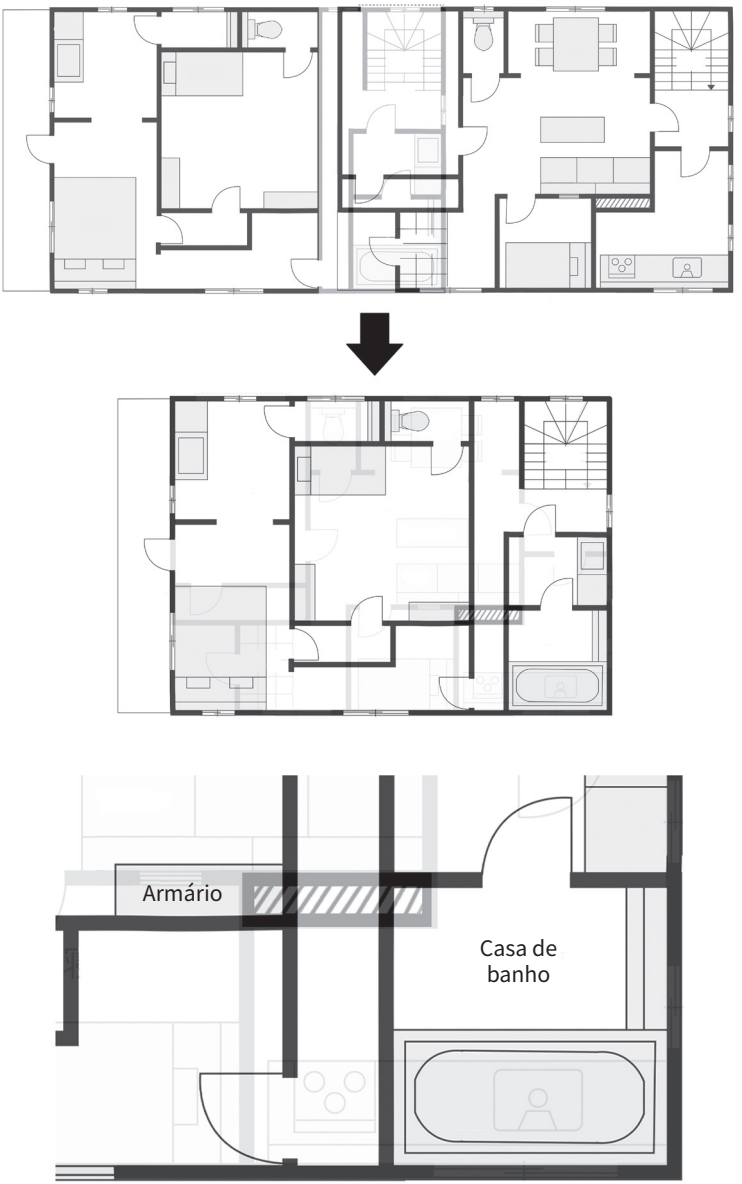
Kurihara: Tudo bem. Aconteceu alguma coisa?

Autor: Sabes, fiquei muito curioso em relação ao espaço no piso térreo. Então, perguntei-me se não teria alguma relação com o projeto do andar de cima.

Kurihara: Estou a ver.

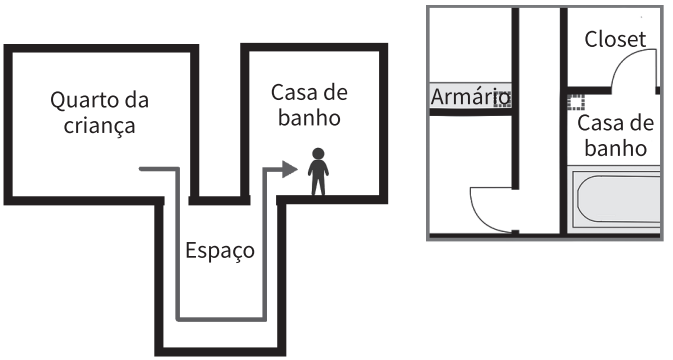
Autor: Por isso, sobrepus as plantas do piso térreo e do segundo andar… E o espaço no piso térreo **fica sobreposto**

exatamente por um canto do quarto da criança e a casa de banho. É como se os dois cómodos estivessem interligados.



Kurihara: Ah, tens razão.

Autor: Então… Bem, é uma ideia maluca de um completo leigo, mas o espaço no piso térreo não poderia ser uma **passagem**? Por exemplo, digamos que houvesse *aberturas a ligar o piso o térreo* ao chão do quarto da criança e ao da casa de banho. As duas aberturas conduziriam ao espaço misterioso no piso térreo. Dessa forma, atravessando o espaço no piso térreo, seria possível ir e vir entre o quarto da criança e a casa de banho. Os pais ocultavam a presença da criança. Porém, para ir do quarto dela para a casa de banho é preciso passar pelo corredor, que tem uma janela. Há o risco de ela ser vista do lado de fora. Portanto, para lhe darem banho, foi criado um caminho alternativo que liga diretamente o quarto à casa de banho. E imaginei que o armário no quarto da criança pudesse ter sido colocado para esconder a abertura. O que achas?



Kurihara: Hum, bem, acho a ideia interessante.

Autor: Estarei a ir longe demais com as minhas teorias?

Kurihara: A questão é se eles chegariam deliberadamente a esse ponto.

Autor: Tens razão. Desculpa. Foi só uma ideia que me surgiu do nada. Esquece esta conversa, por favor.

O meu discurso era sério e eloquente, mas, de repente, senti-me envergonhado. De facto, a história era muito estapafúrdia. Quando pensei em dar por encerrada a conversa, ouvi Kurihara murmurar algo do outro lado da linha.

Kurihara: Uma passagem… Ah, espera aí! Se for assim, esse quarto…

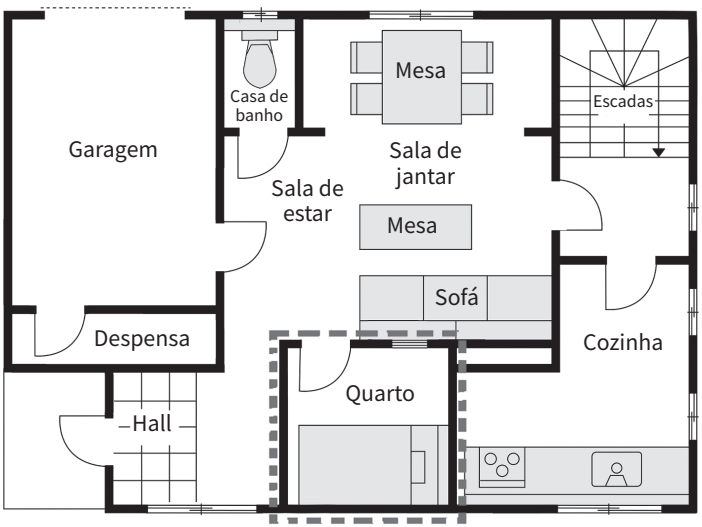
Autor: O quê?

Kurihara: Não, é que lembrei-me de uma coisa agora quando te ouvi falar... Antes residiam três pessoas na casa, certo? O marido, a esposa e a criança.

Autor: Sim.

Kurihara: Sendo assim, há uma cama a mais, não? O casal dorme no segundo andar. A criança, no quarto dela. Logo, o quarto no piso térreo seria de quem?

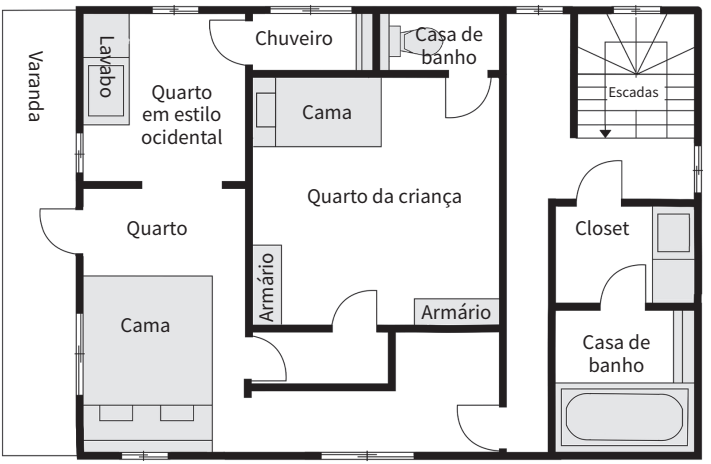
PISO TÉRREO



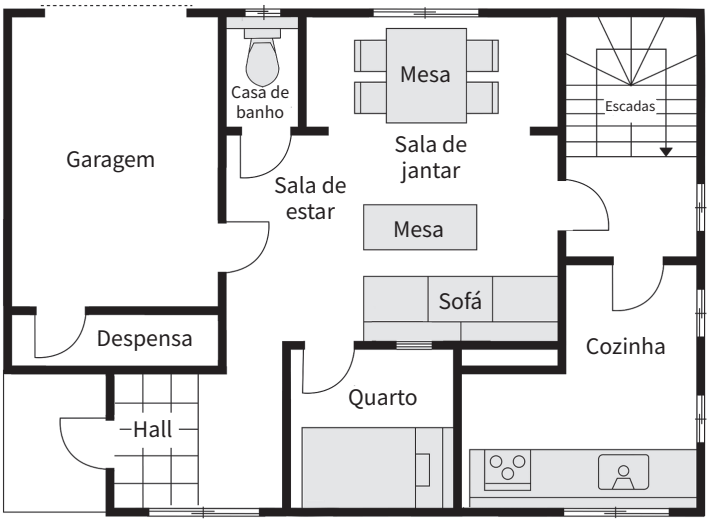
Autor: Hum, talvez seja um quarto de hóspedes?

Kurihara: Bom, deve ser isso. De tempos em tempos, devia haver visitas na casa. Se juntarmos o visitante, o quarto da criança sem janelas, as duas casas de banho e essa teoria acerca de «uma passagem», temos aí **uma história** a formar-se. Bem, sei que é uma ideia ridícula, e pode ser apenas um devaneio meu, mas repara nisto:

SEGUNDO ANDAR



PISO TÉRREO



DEVANEIO

Kurihara: Nesta casa, morava um casal com o filho. A criança, **por algum motivo**, ficava trancafiada no quarto. O casal recebia visitas com frequência. Falavam de trivialidades na sala de estar e jantavam na sala de jantar. O marido oferecia uma bebida ao convidado. O convidado aceitava-a de bom grado. Com o convidado já completamente bêbado, a esposa sugeria: «O que acha de passar aqui a noite? Temos um quarto de hóspedes já ali.» «A banheira também já está preparada.» O convidado é levado para a casa de banho sem janela no segundo andar. Quando o casal confirma que a pessoa está a tomar banho, a esposa envia um sinal para o quarto do filho. A criança pega num **determinado objeto**, entra pela abertura no chão,

atravessa a passagem no piso térreo, vai para a casa de banho e…

Esfaqueia o convidado pelas costas.

Autor: O quê? De onde é que isso veio agora?

Kurihara: Bem, é só um devaneio. O convidado, nu, desarmado, bêbado, atordoado, sem entender nada, é incapaz de oferecer resistência. A criança esfaqueia-o inúmeras vezes pelas costas, e o sangue escorre de forma abundante. Sem sequer se dar conta do que aconteceu, o convidado cai morto no chão. Ou seja, **essa casa foi construída para cometer assassinatos.**

Autor: Como assim? Estás a gozar, não estás?

Kurihara: É, estou mais ou menos a gozar com tudo isto. Mas não se pode afirmar que algo assim não seja possível. Chegaste a pesquisar «incidentes misteriosos» na internet? Aparece um número absurdo de registos de incidentes brutais e incompreensíveis que parecem saídos de livros de terror de mau gosto. O mundo está cheio de crimes grotescos que vão muito além do que imaginamos. Vamos apenas supor… Digamos que um casal remodela a casa e usa o filho para cometer um assassinato sem que tenham de sujar as mãos… Não é algo impossível!

Autor: Não… mas… mesmo assim, qual seria o propósito?

Kurihara: Boa pergunta. É difícil acreditar que alguém iria tão longe para matar uma única pessoa. O que leva a crer que os assassinatos se repetiam com regularidade. Se for assim, não são homicídios movidos pelo rancor. Talvez mortes por «encomenda»?

Autor: Por encomenda?

Kurihara: Na internet há inúmeros *sites* com pessoas que se denominam «assassinas por encomenda». Esses *sites* da *dark web* já foram considerados um problema social,

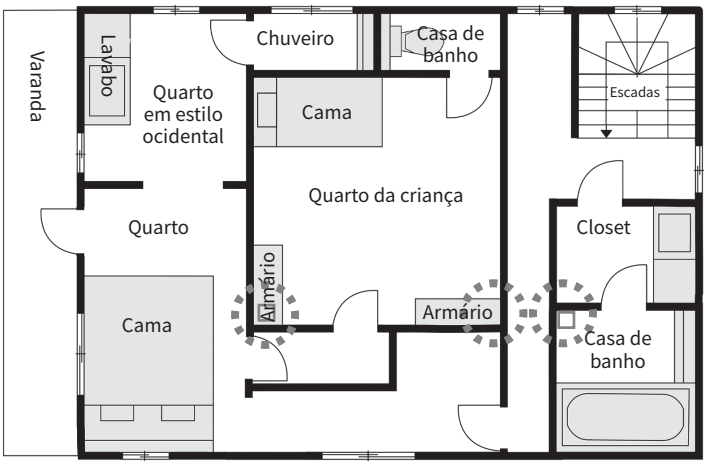
não foram? A maioria dessas pessoas é golpista, mas dizem que no meio delas há quem realmente aceite dinheiro para matar alguém. Parecem acolher pedidos de, no mínimo, duzentos a trezentos mil ienes. Em outras palavras, são assassinos amadores, mas, com o tempo, vão desenvolvendo um *modus operandi* cada vez mais diversificado e sofisticado.

Autor: Ou seja, essa casa era o reduto de um grupo de assassinos por encomenda?

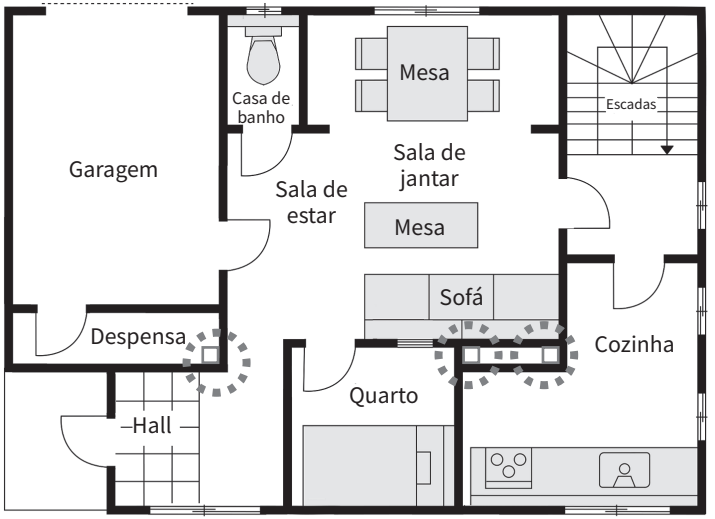
Kurihara: Só estou a dizer que é uma possibilidade. Afinal, isto não passa de um devaneio.

Um casal que usa uma criança para cometer assassinatos. Mesmo sendo um devaneio, é demasiado absurdo.

SEGUNDO ANDAR



PISO TÉRREO



Kurihara: Já agora, imaginemos mais uma coisa. Sugeriste antes que o armário poderia ter sido colocado para «esconder a abertura», mas no quarto da criança há mais um armário. Sendo assim, não seria possível que debaixo desse armário também pudesse haver outra abertura?

Autor: Bem…

Kurihara: Nesse caso, onde é que essa abertura vai dar?

Autor: Hum… à despensa.

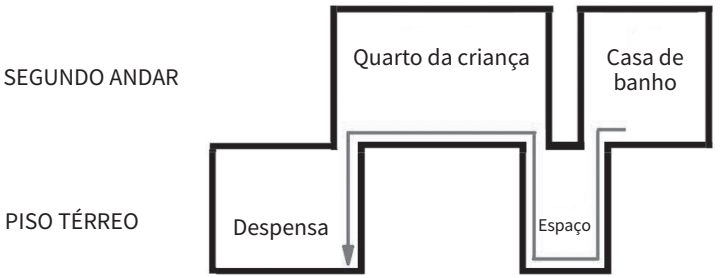
Kurihara: Certo, à despensa. Sendo assim, podemos afirmar que existe nessa casa uma rota para o **descarte dos cadáveres.**

Autor: Como assim?

Kurihara: Regressemos ao tópico de antes. O casal conclui o homicídio com sucesso. Porém, não podem simplesmente deixar o corpo na casa de banho. Têm de se livrar dele sem que ninguém veja. Então, voltam a usar a abertura para mover o cadáver. Mas é demasiado pequena para fazer

passar o corpo inteiro de um adulto. Por isso, o casal corta-o em pedacinhos com uma serra ou outro aparelho. **Num tamanho** que permita passar pela abertura e **que uma criança consiga carregar.**

Autor: O quê?!



Kurihara: O casal atira o corpo desmembrado pela abertura da casa de banho. Durante horas, a criança carrega os pedaços para o seu quarto e atira-os pela outra abertura. Assim, o cadáver é transportado da casa de banho para a despensa. A garagem fica ao lado. O cadáver é colocado na bagageira do carro. O casal leva-o até uma montanha ou um bosque próximo e abandona-o ali.

Um dos pontos atrativos dessa casa é o facto de ser cercada por muito verde, apesar da proximidade de uma estação de comboios.

Kurihara: Toda essa sequência de acontecimentos se desenrola em cómodos sem janelas. Quer dizer, os assassinatos acontecem e não podem ser vistos de fora. É possível matar as pessoas de dia, de noite, em qualquer momento do ano. O que achas?

Fiquei sem palavras perante a eloquência de Kurihara, mas decidi verbalizar uma dúvida que me andava a remoer há algum tempo.

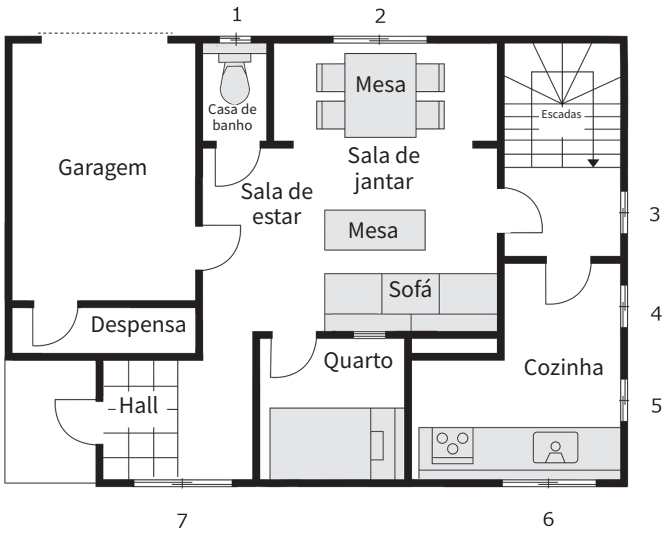
Autor: Olha, digamos que tudo isso seja verdade… qual seria a necessidade de um esquema tão elaborado? Se queriam matar alguém sem que ninguém de fora visse, não bastaria fechar as cortinas da casa inteira?

Kurihara: É essa a questão. Por norma, quando alguém faz algo dentro de casa e não quer ser visto, fecha as cortinas. Ainda mais no caso de um assassinato. Por outro lado, **ninguém suspeita de que seja cometido um assassinato numa casa onde todas as cortinas estão abertas.**

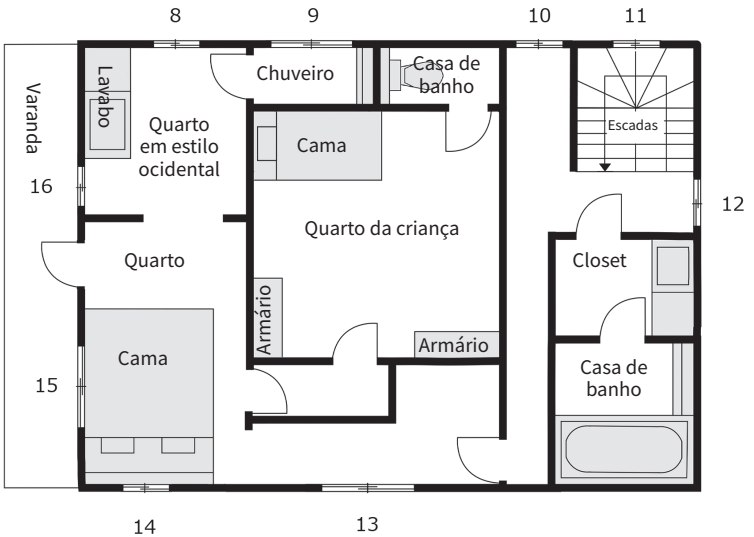
Autor: É tipo um truque psicológico?

Kurihara: Isso. Olha para a planta baixa. A casa tem demasiadas janelas. Eu contei, ao todo, dezasseis. É como se dissessem a quem está do lado de fora: «Por favor, olha para nós.» Para mim, isso é uma camuflagem, com o objetivo de esconder **um cómodo que nunca deveria ser visto.**

PISO TÉRREO



SEGUNDO ANDAR



Autor: Hum…

Kurihara: Bem, é apenas uma suposição. Não leves a sério, OK?

Fiquei meio atordoado depois do telefonema com Kurihara.

O que deveria fazer se a história dele fosse verdadeira? Informar a polícia?

Nem pensar. Eles não nos levariam a sério.

Primeiro, seria loucura acreditar numa história tão irreal como a de uma «casa para homicídios construída por uma família de assassinos». Talvez, desde o início, a intenção de Kurihara fosse fazer pouco de mim.

Inclusive, tinha mais uma coisa para fazer. Precisava de contar a Yanaoka, que pediu a minha ajuda, tudo o que ouvira. Deixando de lado a questão da «casa para assassinatos», devia pelo menos contar-lhe do quarto da criança.

FACTOS

Autor: Olá. Há algum tempo que não dou notícias, não é?

Yanaoka: Ah, como estás? Desculpa o pedido inconveniente do outro dia!

Autor: Ora essa. Estou a ligar-te justamente para falar sobre isso. Falei com o Kurihara, que é projetista. Bem… por onde começar?

Yanaoka: Oh, na verdade… tenho de te pedir desculpa por isso… acabei por desistir de comprar aquela casa.

Autor: Hã? Porquê?

Yanaoka: Acho que já sabes, mas depois daquilo que aconteceu…

Autor: O que queres dizer com *aquilo*?

Yanaoka: Uau. Não viste o jornal hoje de manhã? Encontraram um cadáver esquartejado num bosque próximo àquela casa.

Autor: O quê?

Yanaoka: Não é sinistro? Foi por isso que desisti do negócio hoje.

Autor: A sério?

Yanaoka: Mas, para ser sincero, estou triste. Gostei muito daquela casa. Era praticamente nova.

Autor: Falando nisso, sabes quantos anos tem aquele imóvel?

Yanaoka: Se não me engano, parece que a casa foi construída por volta da primavera do ano passado, ou seja, pouco mais de um ano.

O proprietário vendeu uma casa nova em apenas um ano. É pouquíssimo tempo.

Autor: E sabes onde moram os antigos residentes da casa?

Yanaoka: Não, não sei. Talvez o corretor não o divulgue por ser informação de cunho pessoal.

Autor: Tens razão.

Yanaoka: A sério, desculpa mesmo pelo trabalho em vão! Para a próxima, combinamos um almoço, ofereço eu!

Depois de desligar o telefone, abri um *site* de notícias no telemóvel. Apareceu uma manchete: «Corpo encontrado na região metropolitana de Tóquio».

No dia 8, foi encontrado o corpo de um homem num bosque do distrito de XX, na região metropolitana de Tóquio. A esquadra de XX, da Agência de Polícia Metropolitana, está neste momento a investigar a *causa mortis* e a identidade da vítima.

De acordo com o departamento policial, a cabeça, os membros e o tronco do cadáver foram decepados

e estavam enterrados no mesmo local. No entanto, **a sua mão esquerda não foi encontrada.**

«A sua mão esquerda não foi encontrada». O que é que isso significava?

Além disso, também me chamou a atenção que todos os pedaços da vítima «estavam enterrados no mesmo local». Na maioria das vezes, um corpo desmembrado é desovado separadamente, em locais distintos. Isso dificulta a descoberta e as buscas, e, dessa forma, o criminoso consegue ganhar tempo. Contudo, o facto de as partes terem sido enterradas no mesmo local levava a crer que o assassino tinha outro objetivo.

Seria para facilitar a passagem do corpo pela abertura?

«Não, nada disso. Isso é só uma fantasia», disse para mim mesmo, e fechei o *site* de notícias. Já que Yanaoka desistira da compra, aquela casa não tinha mais nada que ver comigo. Ia esquecer o assunto.

Abri o portátil e dediquei-me a um texto cujo prazo de entrega estava próximo. Porém, não consegui concentrar-me.

O quarto da criança sem janelas, a hipótese de Kurihara, o incidente que, de facto, aconteceu…

O que era aquela casa, afinal?

O ARTIGO

Mesmo passada uma semana, eu não tirava aquela casa da cabeça. Quer estivesse a trabalhar ou a comer, aquelas plantas continuavam a ocupar-me um canto da mente. Durante o dia, abria vários *sites* de notícias para verificar se havia algum progresso no tal caso de esquartejamento.

Certo dia, comentei com um editor amigo meu sobre o caso, ao que ele sugeriu: «O que achas de escrever um

artigo sobre essa casa? Talvez consigas obter informações de algum leitor!»

Sinceramente, hesitei. Senti-me relutante em escrever suposições infundadas acerca de uma casa real.

Contudo, ao mesmo tempo, estava realmente curioso e queria saber mais sobre aquele sítio.

Por fim, decidi publicar um artigo, ocultando a localização e a aparência externa da casa, de forma a que os leitores não a pudessem identificar. Talvez não conseguisse alcançar o objetivo de «reunir informações». No entanto, esperava, quem sabe, conseguir descobrir alguma coisa nova.

Naquele momento, não podia sequer imaginar que o artigo me conduziria a factos tão terríveis.